

## Apresentação

Com a posse do novo governo em março, a questão ecológica entra renovadamente em evidência no Brasil. Tanto a criação da Secretaria especial do meio ambiente pelo governo Collor, como a convocação de José Lutzenberger na qualidade de seu titular, parecem indicar que o assunto esteja a merecer uma consideração bem maior do que a que usualmente tem recebido. Há, é verdade, muitas vozes céticas em relação à criação da Secretaria, entendendo que ela é mais o resultado de pressões externas, do que de convicção pessoal. Sem querer nem poder emitir um juízo a respeito, cabe desejar que a mesma não seja meramente figurativa nos próximos anos, mas que conquiste efetivamente o espaço e a força políticas que os problemas em relação ao nosso meio ambiente estão a reclamar.

No presente número de *Estudos Teológicos*, o 1º deste ano de 1990, reservamos o espaço para tratar da temática da ecologia. O progresso que vivemos não satisfaz mais. O preço que ele está exigindo da natureza é por demais elevado. Além disso ele não está sendo repartido entre o todo da população, gerando desigualdades sociais e injustiça. Também a maneira de medi-lo é imprópria, pois que considera exclusivamente o aumento quantitativo das riquezas e produção material. A depredação e poluição a que está sendo submetida a natureza requer, muito mais, que o progresso seja redefinido em termos de qualidade. Não se trata unicamente de aumentar um bolo a ser produzido, e sim, de determinar que este bolo seja também de boa qualidade, de ingredientes não contaminados, de sabor não adulterado, etc.

Não existe posição de neutralidade frente aos problemas relacionados com a defesa da natureza e meio ambiente. Os cristãos são chamados para administrar um mundo que Deus criou como sendo “bom”. Eles podem ser co-responsáveis pelo assalto e assassinato da natureza. A teologia foi acusada, não poucas vezes, de ter dado a sua contribuição neste sentido. Também as igrejas têm sido, às vezes, acusadas de uma estranha omissão para com os pecados ao meio ambiente. Ambas, a teologia e igreja, parecem apegadas excessivamente a uma parte da criação divina, os seres humanos, relegando todo o restante da criação a planos secundários. Esta tendência foi denominada de antropocentrismo e carece de uma reflexão crítica.

Inegável é, no entanto, que a partir da fé e dos seus fundamentos bíblicos, há uma série de elementos positivos para com a natureza e o todo maior da criação divina. Significa que eventuais erros e omissões da igreja e teologia para com a natureza explicam-se menos a partir do conteúdo da Bíblia, mais a partir de explanações errôneas ou tendenciosas da parte de seus intérpretes.

O presente número reflete esses dois momentos da teologia em sua relação com a problemática ecológica: sua contribuição, mas também sua omissão; suas responsabilidades assumidas, mas também as chances desperdiçadas; não por último os desafios que a ela se apresentam no momento atual.

As contribuições recebidas abordam a problemática a partir de várias perspectivas: a histórica (Werner Altmann), histórico-teológica (Marlon R. Fluck e Werner Fuchs), teológico-prática (Harald Malschitzky), sistemática (Vitor Westhelle) e bíblica (Friedrich E. Dobberahn e Uwe Wegner). No final apresentamos a mensagem a respeito da questão ecológica formulada por ocasião do 12º Convento Nacional de Pastores da IECLB em Araras (30.08.89).

### *Referência a um lapso*

No último número de *Estudos Teológicos*, a apresentação dos artigos no Índice veio sem a numeração correspondente das páginas. O lapso foi detectado antes da expedição. Decidimos remeter a revista mesmo nestas condições, pois que de outra maneira o/a leitor(a) iria recebê-la só em meados de 1990, o que era contrário aos propósitos da equipe de redação. Mesmo assim pedimos por escusas. O compromisso para este ano fica o mesmo, qual seja, fazer com que *Estudos Teológicos* chegue até novembro/dezembro completo em mãos dos seus/suas leitores/ras.